

# As Margens

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTONIO-LINO

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84  
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão  
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesse

## GÉNIOS DA RAÇA A' margem

Resumo impressionante

SALÃO do Paço Real. Na cama a rainha parturiente. Escancara-se de par em par uma porta, com grande estrondo, e dos reposteiros sai um homem, um vaqueiro e diz: «Pardiez! siete arpelones me pegaram ala entrada, mas yo di una puñada, a uno de los rascones;...». Era Mestre Gil. E assim fundara o teatro português.

Orgulho de Guimarães, a tradição continuada dá-o como filho seu, passou no dia 8, dia do feriado municipal, mais um ano sobre o *monólogo do Vaqueiro*, obra de estreia a que os anos vieram juntar tantas outras, tam diferentes e tam ricas, fazendo de Mestre Gil Vicente uma glória que ultrapassa as fronteiras e se firma um dos expoentes do nosso sentido universalista. Na sua vida movimentada, seu colorido, crítica social — *ridendo castigat mores* — ainda hoje, são de hoje as suas peças, lembrando o teatro sintético dos grandes autores mundiais de nossos dias.

Muita fantasia se teceu à volta de Gil Vicente, mestre da balança da Casa da Moeda de Lisboa, poeta, dramaturgo, comediógrafo e ourives, a quem a grande fundadora das Misericórdias, D. Leonor, a Rainha Velha, tanto incitou e protegeu. Um fantástico entre-acto, onde Mestres Gils aparecem e nascem em tôdas as portas e buracos, se tem escrito. E para final nem o próprio Gil Vicente deixam direito; partem-no em dois: Gil Vicente escritor e Gil Vicente ourives.

Ainda bem que a *farsa nova de Mestre Gil* acabou. Para quê procurarmos *Mestres Gils* se temos um Gil Vicente? Para quê um Gil Vicente ourives, se enquanto se faz a *Custódia de Belém*, o Gil Vicente dramaturgo nada escreve?

Está assente, hoje, a dualidade da mesma pessoa, Gil Vicente, e não custa aceitar a sua origem vimaranense, terra de muitos e afamados ourives.

Ainda a Pátria era infante, ei-lo que parte — já nele vivia o espírito da Raça, a fé e a aventura: o mar — pequena a caravela, frágil barca em mar alto, a caminho das Africas ardentes, para trazer os gentios a Cristo. Um temporal fá-lo arribar à Terra-mãe da Latinidade.

Aí, estradas fora, prega a lei de Jesus. Aparece nos meios mais cultos da Europa. Língua de prata, espanta os eruditos; flor singela e mística, arrasta as multidões.

Era Frei António...

Apóstolo dos maiores da Meia Idade, Frei António, é amado por todos: grandes e humildes; cultos e ignorantes. Ele ficou no coração de uns e de outros, através de tôdas as idades.

A fama dos seus sermões, saídos duma inteligência privilegiada, entusiasmou os sábios do seu tempo, chegando a nossos dias; no coração do povo ficou a tradição dos seus milagres...

Génio da Raça, êle ficou na História como símbolo de nossa civilização: a universalidade; a latinidade; a dilatação da fé!

Eis as naus, as velas pandas, Cruz-de-Cristo ao vento, que partem para mares nunca dantes conhecidos, para a distante Índia. E lá vai êle, para longe, bem longe da Pátria, para melhor a sentir... e a amar.

Campo de batalha. Guerreiro ao serviço do Império, sente bem o esforço lusíada!

Era Camões...

Ele sente, peregrino da Pátria, o valor rácico lusitano, os destinos da Terra Portuguesa, o norte a atingir.

Canta a sua Pátria, chama os seus heróis de antanho, e, a vivos e a mortos, indica-lhes o caminho a seguir.

Mostra-o ao seu Chefe, ao seu Rei, apontando para a África e dizendo: ide a dilatar «a Fé, o Império!» «Eu cantarei essa glória maior» — e ainda há estúpidos, que dizem que Sebastião foi para África só com o consentimento dos *jesuítas* (?), dos *insensatos* e dos *tolos*!; e os *Lusíadas*? E *Camões*? Nunca os leram, bem se vê. Em que grupo metem *Camões*: *jesuíta*, *insensato* ou *tolo*?

Génio da Raça, êle ficou na História como símbolo da nossa epopeia!

Mestre Gil, Santo António, Camões... Tôda a ironia, forte mas sã, desassombrosa e viril, ferindo mas curando, da boa raça portuguesa, no primeiro; todo o nosso espírito de aventura, para Deus e para a Pátria, em glórias maiores, os outros dois.

Mas todos, bem nossos, bem portugueses, na grandiosa fama em que ergueram o nome sacrosanto, fazendo-o lembrar ao Mundo, do grande Povo de Rortugal.

Mês de Junho.

ANTÓNIO-LINO.

Eis um breve resumo dos resultados obtidos pelos comunistas ao cabo de vinte anos de actividade;

a) O bolchevismo, ao princípio, conseguiu dominar em vários países. A pouco e pouco, porém, foi sendo escorraçado e, hoje, várias das nações onde imperava consideram-no ilegal.

b) Fizeram derramar, inutilmente rios de sangue. Acabaram por ser derrotados.

c) Expulsos dum país, os comunistas que aí «trabalhavam» tratavam de fomentar revoltas e insurreições sangrentas noutras nações.

d) Os comunistas consideram essas desordens como «vitórias positivas», as únicas aliás de que se podem vangloriar...

e) Se considerarmos a hecatombe de Espanha e lembrarmos o que se passou no Chile, pode calcular-se que o número dos mortos causados pelas insurreições comunistas e consequentes repressões se eleva a muitos milhões.

Se juntarmos a esta cifra as vítimas da guerra civil na U. R. S. S., das fomes que se lhe seguiram e das recentes depurações, não andaremos longe da verdade se afirmarmos que, ao cabo de vinte anos, os dirigentes comunistas são responsáveis pela morte dalgumas dezenas de milhões de homens!

O que nem todos sabem

Bem se esfalha a governação soviética a proclamar «urbi et orbi» as maravilhas do comunismo, afirmando que na U. R. S. S. tudo corre pelo melhor! Quem puder ler a imprensa de Moscovo, verificará imediatamente a mentira de toda essa propaganda.

Ainda recentemente, por exemplo, o jornal do Commissariado das Indústrias censurava asperamente, a direcção daquele organismo, acusando-o de coisas espantosas, como estas: nas fábricas dos automóveis de Moscovo, no ano passado, perderam-se 54 mil toneladas de metal, em parte por causa da negligência dos dirigentes e em parte por causa da ignorância absoluta das mais elementares regras da indústria.

Os prejuízos assim registados em 1937 são avaliados pelo referido jornal em 362 milhões de rublos, número que subiu, no ano passado, para 392, o que representa a quarta parte de toda a produção.

# DA CIDADE CARTAS . . .

## VIDA CATÓLICA

### 2.º Domingo depois do Pentecostes

**Evangelho** (Luc., XIV, 16-34). — «Um homem fez um grande festim, para o qual convidou a muitos. E, quando foi a hora do festim, enviou um de seus servos a dizer aos convidados que viessem, porque tudo estava já preparado. Porém todos à uma começaram a escusar-se. Disse-lhe o primeiro: Eu comprei uma quinta, e é-me necessário ir vê-la; rogo-te que me des por escusado. Outro disse: Comprei cinco juntas de bois, e vou experimentá-las; rogo-te que me des por escusado. Outro disse: Eu casei, e por isso não posso ir lá. E, voltando o servo, deu conta a seu senhor de tudo isto. Então, o pai da família, irado, disse ao seu servo: Vai já às praças e às ruas da cidade, e traze-me quantos pobres e aleijados e cegos e coxos achares. E disse o servo: Senhor, fez-se como mandaste, e ainda há lugar para outros mais. E respondeu o senhor ao servo: Sai por esses caminhos e cercos; e força a gente a entrar, para que fique cheia a minha casa. Mas eu vos declaro que nenhum daqueles homens que foram convidados, provará o meu festim».

#### Homilia. — Convite para o banquete.

Este homem é o próprio Deus. — Este banquete é o chamamento à fé, à Igreja, à salvação, à felicidade eterna....

Este banquete é grande pela magestade daquele que convida.... pelos bens infinitos que nele nos são oferecidos.... pelo número dos convidados....

— Que bondade a do Pai celeste, que para esse banquete convida todos os homens, e que enviou seu filho à terra só para nos chamar a esse banquete e para nos ajudar a merecer a graça de assistirmos a ele.... E que extraordinária missão a dos Apóstolos de todos os tempos, que vão por toda a parte anunciar, como embaixadores de Deus, a boa nova a todos os povos! Ninguém foi excluído....

Portanto, reconhecimento, fidelidade, amor....

#### Vás desculpas dos homens.

A ambição.... a cupidez.... a sensualidade.... mal universal!.... Quantos cristãos e pagãos, infieis à graça que os solicita, *quoties volui congregare te*, recusam a salvação tam misericordiosamente oferecida!....

#### Sorte dos convidados.

Felizes os homens de boa vontade!.... Bens espirituais.... felicidade eterna.... — Infelizes aqueles que repelem o convite divino!.... Cólera de Deus.... penas temporais.... eternas.... *Dico vobis quod nemo virorum illorum gustabit coenam meam....* Em vez do festim celeste.... *ignem aeternum!*....

Refletamos pois seriamente nestas coisas, e corriamos os nossos sentimentos e os nossos costumes a respeito da SS. Eucaristia, para corresponder ao zelo que JESUS CRISTO mostra pelo nosso bem, ficando perpetuamente no meio de nós à custa de tantos prodígios e de tantos sofrimentos. Amem.

(THIRIET).

#### Pia Associação dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus

Reúniu no passado dia 1 do corrente a direcção desta Associação, que resolveu entre outros assuntos o seguinte:

Tomar parte com a respectiva bandeira, na festa religiosa do dia 15 do corrente, na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, pelas bôdas de ouro sacerdotais de Mgr. João Ribeiro.

Mandar celebrar uma missa no dia 16, pelas 6 e meia horas, em honra do Sagrado Coração de Jesus.

Mais resolveu, tomar parte na peregrinação que o grupo excursionista Amigos do Coração de Jesus promove no próximo dia 9 de Julho a Nossa Senhora da Assunção em Santo Tirso.

Por fim aprovou 4 novos sócios.

#### Aniversários

Fazem anos as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> e srs.:

6 — João Paulo Mexia.

8 — D. Maria Filomena Trocado Freitas do Amaral.

9 — D. Matilde Cardoso de Menezes Acciainoli, D. Maria Antónia Martins Fernandes Santos, D. Maria Fernandes Freitas do Amaral Lôbo Machado e tenente José Guedes Cabral de Campos.

11 — Manuel de Freitas Guimarães.

14 — D. Ana Luiza de Jesus Pinheiro Machado Cardoso de Menezes, D. Cristina Amélia de Castro Sampaio Silva Carneiro e António Fernandes Trocado Freitas do Amaral.

Maria querida:

Certamente já alguma vez te sucedeu o que agora em mim se passa: querer tratar um assunto, e a própria consciência negar-se.

Pensei escrever-te sobre o tema da amizade, eu que tantas vezes terei dado ensejo a que julgues a minha, um tanto superficial mas, acredita Maria, escrevo pouco, demoro as respostas, pois sabes a minha negação para pegar na pena, perdoa e deixa seguir a minha maneira de ser.

Como sentiste grande dor, quando sobre ti pesou a «maledicência», eu, que avalei os bons Amigos que ainda possues, julgo vincar mais ainda a consolação que quero dar-te, abrindo-me contigo sobre o meu pensar referente ao poder, à grandeza, de uma sincera amizade! De quanto carinho, de quanta ternura, de que infundo desejo de sacrifício é ela feita! Nada a turva, ninguém a leva ao desfalecimento, ela não pensa, não vive, senão do pensar, e do viver da pessoa querida! Para mim, uma grande amizade, é superior a um grande amor!

Este, pode ainda ter desejos ilícitos, caprichos, revoltas, ciúmes, e conduzir até por vezes, quando levado a excesso, a batexas, e actos mesquinhos!

Mas, a amizade é nobre, eleva a alma, tudo dá, sem nada esperar em troca!

Quem possua um verdadeiro amigo, pode gabar-se, de possuir um mundo! De possuir, o que a vida encerra de mais sublime.

Maria querida, muitas vezes nos enganamos, existem tantos conhecidos, mas amigos ai, são tão raros!

Também, é preferível assim; do contrário desaparecia o sabor inédito deste indizível sentimento.

Eu por mim, sinto a impressão, de que temos na alma partículas que se desprendem, e procuram noutras almas, as suas iguais; quando se encontram, estabelece-se essa corrente da qual dimana uma seiva fecunda, que gera a flor tam bela e pura da amizade!

Por isso Maria os teus leais amigos fecha-os dentro do teu coração, vigia sempre; pois a humanidade na sua ânsia de tudo ennodar, e destruir, sente até prazer em deturpar esse sentimento magnânimo, e quantas vezes, assistimos com terror à quebra de grandes amizades, porque pessoas falsas e vis, com a insídia, com o veneno da desconfiança as mataram.

Almas dessas, que têm coragem para tal destruição devem possuir em si requintes de malvadez, vivem certamente nas garras da inveja, e sob o peso da maior degradação moral. Estuda conscienciosamente os teus amigos, e desde que possas confiar neles, não permitas, seja a quem fôr, que deturpe em tua presença o mínimo deles!

Um amigo que nos quer, que nos dá de si, torna-se nos sagrado, e se fôsse precisa a própria vida para defesa, a ela deveríamos recorrer!...

Hoje, acredita, no meio de tanto sofrer, e de tantas amarguras que me rodeiam, o sol radioso de algumas boas amizades que possuo, acalenta, e vivifica a minha alma, ajudando-me na vida...

Que seria de mim, sem este amparo? Certamente torturada, não encontraria forças para levar, como manda Deus, a minha cruz, com a alegria de uma verdadeira cristã.

Que para estes amigos sinceros, venha do Céu uma bênção que os cubra das maiores graças, e de toda a felicidade que neste mundo se pode ambicionar, e depois o prémio na Eternidade.

Maria, pensei ainda dizer-te nesta carta algo sobre as minhas impressões da Galiza, mas, sabes a minha lealdade, que poderia eu, com dois dias, deduzir de tantas maravilhas?

Apenas te mostro um quadro, que nunca poderei esquecer em toda a minha vida! Estive a reviver muito da paisagem suíça; falta a neve nas montanhas, mas os prados são mais extensos, e o contraste de coloridos mais diverso! O solo, impregnado de poder criador, tem pela sua fertilidade um aspecto de grandeza, e o olhar deleitase, no percurso daquelas estradas, onde o panorama, ora verdejante e simples, como um saltitar de criança, ora soberbo no seu conjunto de perfeita beleza, nos empolga, e enche de ânsias, pela vida que pode ainda por meio da natureza, dar-nos sensações tam inéditas. A Galiza, cujos rios lhe fertilizam os campos e nos deliciam a vista, incute a paisagem a graciosidade e leveza que sentiríamos perante um quadro, onde pintor de estética, com pincel adejado, lançasse na tela figura diáfana!

Do pouco que vi, só te digo que tudo lindo! Tam lindo Maria!

Mas, do que mais gozei e apreciei, foi uma encantadora propriedade, onde pessoas amigas, nos acolheram a mim e aos meus companheiros, com a cortesia máxima, e com um carinho enternecedor. Ali nada falta, desde o solar onde tudo é bom e revela, nos seus menores detalhes, o fino e requintado gosto do seu proprietário, até à maravilhosa quinta atravessada pelo rio Tambre, cheia de árvores de fruto, de seberbos pinhais, com uma mata de eucaliptos, onde a tua romântica amiga se deliciou em amena conversa com os passarinhos, que respondiam aos seus gorgeios!

Aquila mais parece um cantinho do Paraíso, do que habitação terrestre.

Como sabes, a natureza exerce sobre mim verdadeira fascinação; avalia portanto o meu encantamento, perante um quadro onde se encontram concentradas todas as maravilhas que o nosso olhar deseja penetrar. O Tambre, ali o dominador; empresta àquele panorama a sua doçura, aliada à sua grandiosidade: sim, porque para mim, é sempre poderoso o aspecto da água que corre, ora lenta, ora ameaçadora, trazendo ao nosso ser, pensamentos, desejos tam diversos.

Fomos em passeio pelo rio acima até à Central Eléctrica! Que ternura, tudo aquilo me inspirou! A vegetação luxuriante, que desce frondosa até ao rio, amima, e como que nos envolve em carícia constante! Ai, minha pobre Maria, como assim se louva e adora Deus, que tudo isto nos dá para gozar e consolo das nossas almas doloridas!

Ali poderia qualquer passar um vida, sem sentir decorrer o tempo. Hei-de voltar à Galiza, assim o espero, ficou-se-me a alma, em Santiago de Compostela, que quero ver detalhadamente; porque depois de tanto admirarmos cidades modernas, sabe bem sentirmo-nos no meio de antiguidades. Mas, descrever atabalhoadamente, servindo-me de expressões do sentimento alheio, nunca, por isso, tem um pouquinho de paciência, pois não esperarás talvez muito tempo, sem que volte a tratar este assunto.

Agora reparo, esta vai longa, mas poderás talvez dividi-la em sessões, como nos teatros!

Perdoa se te aborreci, mas agora consola-te com um grande abraço tua.

ANGELIS

### Aos nossos estimados leitores

avisamos que começaremos com os serviços de cobrança do 1.º trimestre (n.ºs 1 a 12) a partir deste número. Agradecemos antecipadamente a boa recepção do recibo, certos que saberão corresponder aos encargos financeiros, que um periódico dá, e sacrifícios que espontaneamente oferecemos, servindo os princípios do corporativismo cristão, servindo a Nossa Terra.

# PROBLEMAS MUNICIPAIS A' margem

Recebemos do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Câmara, Dr. João Rocha dos Santos, a carta seguinte:

... Sr. Director do Ressurgimento

E' a terceira vez que presidido à Câmara de Guimarães, sem ter solicitado agora e então, directa ou indirectamente, esse lugar.

Em 1918 e 1931 aceitei o encargo, por outras pessoas que convidei, o haverem recusado. Em 1939 aceitei-o depois de saber que era inevitável a demissão do Sr. José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.

Porque me habituei a respeitar a dor alheia, à minha posse assistiram apenas dois amigos para, como é de lei, testemunharem o acto, e entrei no gabinete da presidência em silêncio, sem o menor espalhafato.

Não é preciso ser homens de virtudes para se adivinhar que me seria fácil conseguir uma posse estrondosa, com muitos discursos e nomeadamente o meu, recheado de promessas de obras e melhoramentos grandiosos.

Na primeira sessão da Câmara a que assisti, ainda em obediência ao respeito pela dor alheia, associei-me à proposta de agradecimento ao Sr. Magalhães Couto, que, na sessão anterior tinha sido feita pelo meu querido amigo Sr. António José Pereira de Lima.

O respeito, porém, pela dor alheia, não podia impedir-me de apreciar as obras de que os papéis e só os papéis têm falado, e de estudar a situação financeira do município. Não podia também obrigar-me a perfilhar inte-

gralmente um plano de obras e melhoramentos, que o seu autor, apesar de estar à frente do município quasi dois anos, nem sequer começou a executar.

O Sr. Magalhães Couto, na carta que o *Ressurgimento* publicou, no seu último número, e a que vou responder, foi agressivo e incorrecto.

E' esse o seu feitio, agravado agora pelo seu profundo desgosto que, apesar de tudo, continuo a respeitar.

Não preciso de demonstrar que o estado financeiro da Câmara não comporta o plano de obras que o Sr. Magalhães Couto delineou. E' sua Ex.<sup>a</sup> quem deve provar o contrário; isto é a exequibilidade do seu magnífico programa.

O Sr. Magalhães Couto, quando tomou conta da presidência da Câmara, delineou apenas o seguinte:

Conclusão da Praça do Mercado, prolongamento das ruas de Santo António e Gil Vicente aos Palheiros, prolongamento da Avenida 31 de Janeiro ao Terreiro de S. Francisco, pavimentação e esgotos da Avenida dos Pombais, terraplanagens da estrada de Fafe e da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, pavimentação dos largos e ruas principais da cidade, conclusão do Bairro de Urgez, construção das casas dos magistrados, reparação e adaptação do edificio do tribunal, conclusão da cadeia comarca, instalações sanitárias em vários pontos da cidade, novas captações de águas na Penha, depósito regulador e rede de canalização da cidade, construção do matadouro, saneamento, monumentos a Gil Vicente e Mortos

da Grande Guerra, não falando nas obras de melhoramentos rurais em que se propunha gastar a insignificante quantia de 7.184.997\$37.

Todos estes delineamentos do Sr. Magalhães Couto passaram da sua imaginação portentosa para o papel e nem sequer um, para amostra, se executou no longo período da sua gerência municipal.

E foi assim que o emérito cultor da política de verdade cumpriu o que disse por ocasião da sua posse: «trabalhar por alcançar a realização das mais altas aspirações de Guimarães... norteado pelos principios do Estado Novo, não fazendo o palácio antes de ter água nem jardins antes dos esgotos».

E foi assim que «procurou elevar o nível moral e material da população antepoando o espírito à materia, o equilibrio à grandeza, a economia ao desperdício e a cooperação à luta»

E foi ainda assim que ele trouxe o seu «grão de areia» para a obra magnífica do Estado Novo.

Infelizmente, Sr. Director, não posso dispor de muito tempo para aturar as impertinências do Sr. Magalhães Couto. Vejo-me assim forçado a reservar para outras cartas a continuação da minha resposta em legitima defesa, passando da análise das palavras, que aí vai, aos factos que devidamente analisarei.

Pela publicação desta carta fico-lhe muito grato.

Guimarães 6 de Junho de 1939.

De V., etc.

João Rocha dos Santos.

## Espionagem da Espionagem

A atmosfera de medos e suspeições em que se vive na U. R. S. S. provoca, naturalmente, alterações constantes nos quadros directivos. E a policia secreta não escapa também a esse vai-vem do funcionalismo. A's vezes não são os homens que se substituem, mas os próprios organismos. E' o caso do sistema soviético de espionagem que foi agora, uma vez mais, reorganizado. A Gugobez, centro de Segurança Nacional, até aqui independente, foi transformada numa secção da G. P. U... E dispõe de divisões para os mais variados fins, como seja a fiscalização no estrangeiro, na industria soviética, no commissariado das finanças, no exército, no serviço postal e telegráfico, numa palavra, em todos os ramos da actividade, não esquecendo — pasmai! — a própria espionagem.

E' claro que isto é serviço oficial. Porque, a-par dele, existe na U. R. S. S. um outro sistema de espionagem, sem dúvida muito mais terrível, e ao qual pertencem todos os cidadãos do «paraíso» vermelho, capazes de denunciar o próprio pai.

\* \* \*

## Do mal, o menos...

O *Krokodil* publicou no seu número 10, deste ano, a seguinte carta do cidadão Koutenko:

«A minha filha que está em tratamento num sanatório, mandou-me dizer que aquela instituição está cheia de ratos que, num certo dia, morderam várias crianças enquanto estas dormiam sossegadamente.

Transmiti esta informação de minha filha ao Departamento de Leninegrado do Commissariado da Saúde Pública que me respondeu nos seguintes termos:

«Houve, com efeito, um caso desses, quando um rato, vindo do corredor, penetrou no dormitório, correndo para os leitos. Mordeu uma criança na testa, outra na orelha, uma terceira no nariz e mais.»

Esta carta é assinada pelo inspector Levachef que entende que o foram incomodar por «dá cá aquela palha».

Na verdade, na U. R. S. S. há coisas muito piores!

## Festas de Santo António

na capela da O. S. de S. Domingos no dia 13 de Junho

**Programa:**—A's 7 horas: Missa rezada pela intenção dos bemfeitores; prática e distribuição de 300 boroas de pão aos pobres.

A's 11 horas: Missa cantada a côro de vozes e harmónio.

A's 20 horas: Exposição, adoração, sermão por um distinto orador sagrado e bênção do Santissimo Sacramento.

A parte coral está a cargo das Oficinas de S. José, da qual é mui hábil regente o rev. padre Avelino Borda.

## Lede e propagai

"RESSURGIMENTO"

# DISCURSO

feito na inauguração do novo edificio escolar de Campelos, pelo nosso camarada Prof. Fernando Augusto Pinheiro de Almeida

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da C. M.  
Ex.<sup>mo</sup> Senhor Director do Distrito Escolar de Braga  
Ex.<sup>mos</sup> Senhores Directores da Comp. de F. e Tecidos de Guimarães  
Minhas senhoras. Meus senhores.  
Meus alunos:

Eu sei, sei bem, seja humilde ou rico o vosso lar, lume da vossa lareira, que gostais, como todos os da vossa idade, de contos de fadas, príncipes encantados, gatas da borralheira... tôda essa multidão fantástica de anões, bruchas e rainhas das nossas histórias. E porque sei que gostais vou-vos contar história linda, mais linda que tôdas as que conheceis. Escutai:

Em tempos que já lá vão, já lá vão muitos anos, andava Nosso Senhor, Jesus, pela Judeia, ensinando aos homens a amarem-se uns aos outros como ao seu Deus, curando os doentes e acarinhando as criancinhas. A fama dos seus milagres, havia corrido já por montes e vales de longínquas terras. Numa pobre aldeia, lá muito para detrás das montanhas, vivia uma mulher muito pobrezinha. Vivia consigo um filhinho, muito doente, entrevado que — tanta era a miséria que nem para comer havia — ia morrendo a pouco e pouco.

Um dia soubera o pequenino da existência do grande amigo das criancinhas e dos milagres que fazia. Daí em diante gemia sempre:—Mãi levame a esse Senhor! Eu não quero morrer. E a mãi respondia-lhe: Mas como queres filhinho que eu lhe fale, se êle está tão longe? Mesmo, não podes, aleijado como és, ir lá, e êle também cá não vem a esta cabana esburacada e sem caminhos para cá chegar, nem deve atender esta pobre que nada tem para lhe dar. E sentava-se a um canto a chorar. Os dias passaram, o menino cada vez pior, já mal podendo falar, em último estôrço de vida, ergue-se um pouco do catre e murmura:—Mãi eu queria ver Jesus! E Jesus, devagarinho, abrindo a porta, diz-lhe: Aqui estou!

\* \* \*

Como essa casinha velha, esburacada e fria, onde a miséria permanecia, assim era a nossa escola em tempos que não vão longe. Os homens esquecidos das palavras de amor que Jesus lhes ensinava, de novo o renegavam e insultavam, substituindo o bem pelo mal, a verdade pela mentira. Era a escola laica dos liberais, dos de-

mocráticos. Se Jesus fôra a Verdade, os homens substituíram-na pela mentira e morte.

Esquecidas as palavras do Divino Mestre a educação das criancinhas caminhava para o cáos de que a sociedade era o espelho. Foi a noite liberal da educação. O desalento aparecia. E se alguém, na longa treva da agonia lenta deste pobre país, sentindo o calor da fé e visionando a estrêla perdida, chamava por Jesus, imediatamente era a sua voz abafada pela violência duns, o desalento doutros e a indiferença criminosa de muitos. E as vozes do desalento, como a pobre velha da história que contei, diziam: Como salvamos isto? Como ir buscá-lo? Repondo-O no seu lugar? Assim como estamos, já não há salvação possível!

Mas não calava a voz da Raça. Cinzas que renascem, ela teimava a chamar Jesus. Parecia já o fim. Dá-se o 28 de Maio. Em último arranco chama-O de novo. E de novo o milagre fez-se. E de novo a sua palavra se fez ouvir, o seu exemplo foi seguindo, a sua doutrina estudada. *Verdade e Vida* — o nosso lema, o nosso programa, o nosso ideal! Se escola sem ideal é escola sem vida — que ideal melhor queríamos que este, de que é simbolo Cristo na Cruz? E como foi possível êsse milagre. Perdida a nossa tradição histórica, na babilónia liberal, a república democrática encaminhava, mais rapidamente, para o abismo, a nossa querida Pátria. Desordem pública e financeira, descalabro moral e social — interiormente; o descrédito e desrespeito externamente — era assim

(Continua na 6.<sup>a</sup> página)

# DA MOCIDADE

## Apontamentos . . . Luta sem tréguas

Os nossos maiores não deixaram que as altas funções de responsabilidade fôsem exercidas por quem não tivesse mãos, sangue e ideias limpas.

A nomeação era precedida de uma inquirição rigorosa que se estendia aos quatro costados do pretendente.

Não era para descobrir a vós ilustres e feitos valorosos que se fazia a inquirição; era para excluir os que pelos antecedentes não davam garantia de idoneidade.

Tão boa prática foi no século passado abolida pelo espírito democrático, ou, mais claramente, pelas exigências dos democratas vencedores, cujo passado não permitia devassas indiscretas. . .

O passado — amanhã o dia de hoje — é para todos os tatuados o maior inimigo.

Exactamente por isso, o *curriculum vitae* de quantos se aprestem para mandar, deverá ser o primeiro informador de quem haja de nomear ou escolher.

Com os caracteres físicos e psíquicos, as taras transmitem-se de pais a filhos.

A deslealdade, a velhacaria, também têm a sua estirpe.

Filho de peixe, sabe nadar; descendente de traidor. . . saindo aos seus, não degenera.

E', porém, necessário não confundir erros vulgares de doutrina e de acção — *errare humanum est* — com as atitudes caracterizadas pela má fé, — tanto como evitar a desculpa de um traidor, sob o pretexto de que simplesmente errou.

São as atitudes de má fé que, para este efeito, imprimem carácter, as que marcam, as que definem.

A característica essencial da traição, está na entrega. O traidor, entrega. Serve-se da confiança que lhe foi creditada para cometer o crime.

Não vá alguém, ouvindo o que eu digo, supor que eu alimento no meu coração, ódio contra aqueles que algum dia me atraíram: não: tenho por eles precisamente a mesma consideração — desfavorável, já se vê — que sinto pela figura de Judas, que entregou Cristo, ou pelo Conde Juliano, governador de Ceuta, ao tempo da invasão árabe, que entregou esta praça aos sarracenos, ou pelos demais colegas destes, que não são do meu tempo nem do meu conhecimento pessoal.

Não tenho ódio ao traidor. Mas ódio à traição. Aceito e pratico este mandamento: perdoar, é próprio de um cristão; esquecer, é de quem não tem vergonha.

Outro meio está em dispor as causas por forma que, exceptuada uma fatalidade extrema, o traidor não possa gozar o preço da vilania. Se o agente da traição, quando lhe ocorrer a ideia infame, tiver presente que não escapa, digo, que consumado o crime, começará por se inutilizar e passará a ser, para sempre, até acabar, acompanhado pela sombra do que fez, pela execração de toda a gente de bem e pelos que escaparem à traição. . . é quasi certo que não chegará a inscrever o seu nome no rol dos miseráveis.

Desgraçadamente, porém, nos nossos dias, as deslealdades e as traições mais repugnantes são esquecidas com espantosa facilidade — o que tem como consequência inevitável a sua multiplicação.

Que sejam perdoadas, sem prejuízo da reparação devida às vítimas, está bem.

Mas esquecidas?!

VANGUARDISTA

Na origem da intensa acção realizadora que, de lés a lés da terra portuguesa, se multiplica num esforço de embelezamento nacional, está um pensamento de grandeza histórica, corporizado na ideia de uma condigna comemoração da nossa Independência.

Tôda essa febre de actividade cifra-se na homenagem dos portugueses de hoje ao esforço épico dos seus avoengos.

Em obediência à voz do passado vamos satisfazer as aspirações do presente. Desta lição tam expressiva conclue-se que o passado é a fonte onde haurimos as energias impulsionadoras das realizações actuais.

Em face desta verdade reduz-se a poeira a afirmação daqueles que apodam o nacionalismo de estática contemplação das glórias passadas.

Todo o sangue rútilo e vivo que dinamiza os organismos ao serviço da Nação tem a sua origem na ânsia de mais além, na inquietação construtiva no inconformismo, dentro das linhas gerais do nosso ideário e sem quebra do espírito de hierarquia, que nós queremos ver cada vez mais rebustecido.

Quando a passividade se espalha e o conformismo alastra, o ambiente amodorra, o espírito enlanguesce, o organismo desarticula-se, perde a vitalidade, razão da sua eficiência, para apenas ficar a fachada na sua indiferença aos olhos dos que passam.

E' a insatisfação que remoja, vitaliza e renova a todo o instante a operosidade da Ordem Nova, firme nos seus objectivos, mas inquieta nas suas realizações.

As ruínas acumuladas pelo liberalismo exigem a "geração do resgate" um esforço de reparação que não admite pausas.

Nós bem sabemos que muitos situacionistas há cuja actividade nacionalista resume-se no preenchimento do boletim da U. N. quando soou a hora de acesso ao funcionalismo público. Não é a esta fauna que nós queremos agora aludir.

Reportamo-nos àqueles que um dia se sentiram enamorados pela Ordem Nova e por ela sacrificaram as suas comodidades, num esforço porfiado de concretização dos seus princípios.

A esses cumpre-lhes reagir contra a passividade, as tentações fagueiras da vida burguesa, pois torna-se imperioso continuar a alimentar a chama da redenção nacionalista com o desinteresse, o sacrifício, a abnegação, não vá o «arrivismo» que por aí se pavoneia em atitudes comandatárias fantasiar a possibilidade da revivescência do império da vaidade, da política personalista, da influência de interesses particulares.

Felizmente que o plano grandioso das Festas para 1940 alinhou milhares de obreiros empenhados no brilho das Comemorações Centenárias.

Dessa orquestra de instrumentos de trabalho desprende-se a exaltação da nossa missão imperial que afervora a consciência no desejo insofrido de prosseguir na senda cristianizadora da História novamente reatada após a interrupção liberalenga.

Neste ambiente de grandeza nacional as ambições pessoais as preocupações mesquinhas e os interesses mórbidos, sentem-se naturalmente asfixiados.

A remodelação da mentalidade lusa, segundo as directrizes cristãs e corporativas, que o Estado Novo aponta aos

(Continua na 8.ª pagina)

## CAMÕES

1.º PRÉMIO DO CONCURSO DO "OCIDENTE": TRÊS SONETOS HISTÓRICOS.

ENTRE NUVENS DE FOGO OIÇO TROVÕES,  
TUBAS DO ESPAÇO NUM CLAMOR QUE ATERRA:  
RELAMPAGOS DE SONS; VOZES — CLARÕES;  
MARCHAS HERÓICAS DE QUEM VAI À GUERRA. . .

AGORA, SÃO MURMÚRIOS DE CANÇÕES;  
BOCAS EM SANGUE A ARDER. DO MAR À SERRA,  
ORAM AS MÃIS E VIBRAM CARRILHÕES,  
TODOS OS CARRILHÕES DA NOSSA TERRA!

FOI SEMPRE ASSIM EM PORTUGAL. DEPOIS,  
VOZES DE TROVADORES E DE HERÓIS,  
AJUNTOU-AS CAMÕES NUMA SÓ VOZ. . .

SOBRE TODOS OS POEMAS IMORTAIS,  
UM POEMA FICOU: O NOSSO! E NUNCA MAIS  
ALGUÉM FALOU TAM ALTO COMO NÓS!

P.º MOREIRA DAS NEVES.

# Situação Financeira do Município Dos Viriatos

Afirmo no artigo anterior que o orçamento municipal que agora está em vigor foi elaborado com toda a prudência, tendo-se calculado as receitas pelo mínimo e as despesas pelo máximo. E' o que se depreende claramente do quadro seguinte, onde figuram, numa coluna, as verbas inscritas no orçamento do ano de 1939, e noutra, as receitas cobradas no ano de 1938, conforme consta das contas da gerência apresentadas ao *Tribunal de Contas*.

| DESIGNAÇÃO DAS RECEITAS                                    | RECEITAS               |                  |
|--|------------------------|------------------|
|  | Orçamentadas para 1939 | Cobradas em 1938 |
| Cap. 1.º — Impostos directos . . . . .                     | 707.900\$00            | 858.186\$04      |
| " 2.º — Impostos indirectos . . . . .                      | 650.000\$00            | 478.543\$75      |
| " 3.º — Taxas e rendimentos de diversos serviços . . . . . | 698.650\$00            | 719.522\$45      |
| " 4.º — Indústrias da Câmara . . . . .                     | 61.500\$00             | 72.233\$50       |
| " 5.º — Rend.º de bens próprios . . . . .                  | 34.100\$00             | (*) 28.872\$15   |
| " 6.º — Reembolsos e reposições . . . . .                  | 21.400\$00             | 28.781\$16       |
|  | 2.153.550\$00          | 2.186.139\$05    |

(\*) Nesta verba estão incluídos cerca de 9.000\$00 de receita liquidada que passou em saldo para o ano seguinte.

As receitas ordinárias cobradas em 1938 foram de . . . . . 2.186.139\$05  
 As receitas ordinárias calculadas para 1939 são de . . . . . 2.153.550\$00  
 Há pois uma diferença de . . . . . 32.589\$05

Mas há mais a observar.

Comparando as verbas das duas colunas vê-se que as receitas de 1938 excedem as calculadas para 1939 em todos os capítulos menos no 2.º — Impostos indirectos — e no 5.º — Rendimentos de bens próprios.

Quanto aos impostos indirectos é de esperar que rendam mais este ano do que renderam no ano findo, pois que no 1.º trimestre subiram já a 137 contos contra 96 em igual período do ano anterior e este trimestre é geralmente o de menos rendimento. A manter-se a diferença nos restantes trimestres é muito provável que a previsão seja atingida, ao contrário do que aconteceu no ano findo, facto que não deve causar admiração pois a nova pauta de impostos indirectos só em Outubro de 1938 entrou em vigor produzindo assim receita muito inferior à que se previra.

O rendimento de bens próprios deve produzir no ano maior rendimento do que em 1938 porque estão alugadas maior número de lojas do mercado e a Câmara possui agora mais alguns prédios que estão alugados.

Vejamos agora como se comporta o orçamento das despesas para 1939 em face das despesas de 1938.

| DESIGNAÇÃO DAS DESPESAS                         | DESPESAS               |               |
|---|------------------------|---------------|
|   | Orçamentadas para 1939 | Pagas em 1938 |
| Cap. 1.º — Encargos de empréstimos . . . . .    | 93.600\$00             | 91.112\$85    |
| " 2.º — Pensões e reformas . . . . .            | 15.067\$40             | 15.657\$40    |
| " 3.º — Secretaria—Pessoal . . . . .            | 120.920\$00            | 118.086\$90   |
| " 3.º — " — Outros encargos . . . . .           | 280.788\$00            | 227.371\$36   |
| " 4.º — Tesouraria . . . . .                    | 17.600\$00             | 15.281\$70    |
| " 5.º — Serviços de saúde . . . . .             | 38.400\$00             | 33.756\$70    |
| " 6.º — Sanidade Pecuária . . . . .             | 15.600\$00             | 14.925\$00    |
| " 7.º — Serviços de higiene e limpeza . . . . . | 61.700\$00             | 55.517\$30    |
| " 8.º — Agua e luz . . . . .                    | 155.750\$00            | 79.670\$15    |
| " 9.º — Cemitério . . . . .                     | 20.720\$00             | 19.368\$30    |
| " 10.º — Matadouros . . . . .                   | 80.540\$00             | 75.967\$80    |
| " 11.º — Mercados, feiras e impostos . . . . .  | 109.820\$00            | 98.004\$75    |
| " 12.º — Reparações . . . . .                   | 88.000\$00             | 65.856\$45    |
| " 13.º — Jardins . . . . .                      | 25.000\$00             | 19.790\$00    |
| " 14.º — Cadeia . . . . .                       | 5.576\$40              | 4.992\$40     |
| " 15.º — Polícia Municipal . . . . .            | 102.708\$40            | 98.031\$25    |
| " 16.º — Aferição . . . . .                     | 6.000\$00              | 4.305\$50     |
| " 17.º — Incêndios . . . . .                    | 700\$00                | 49\$20        |
| " 18.º — Instrução . . . . .                    | 101.400\$00            | 73.895\$55    |
| " 19.º — Arquivo e Museu . . . . .              | 24.500\$00             | 21.900\$00    |
|   | 1.563.590\$20          | 1.304.326\$36 |

Donde se conclue que, sendo as despesas ordinárias de 1939 avaliadas em . . . . . 1.563.590\$20  
 E somando as despesas pagas em 1938 . . . . . 1.304.326\$36  
 Aquelas excedem estas em . . . . . 259.263\$84

Deixou, porém, de pagar-se pelo capítulo 8.º uma importância de cerca de 40 contos relativa a fornecimento de luz. A diferença verdadeira será pois de 219.263.86 que juntamente com os 32.589\$05 de diferença das receitas acima indicadas perfazem uma diferença total de 250 contos. Se juntarmos estes aos 610 contos de diferença entre as receitas ordinárias e as despesas da mesma natureza que verificamos no artigo anterior chegamos ao saldo de 860 contos.

E' esta a verba de que a Câmara dispõe para garantir um empréstimo.

Chegamos ao mesmo resultado aproximado se encontrarmos a diferença entre as receitas e as despesas ordinárias que constam das contas da gerência do ano de 1938.

Com efeito, as receitas constantes do 1.º mapa somam . . . . . 2.186.139\$05  
 E as despesas constantes do 2.º acrescidas de 40 contos de luz somam . . . . . 1.344.326\$36  
 O saldo disponível foi de . . . . . 841.812\$69

No ano corrente haverá uma redução no rendimento da contribuição predial rústica de cerca da 80 contos pelo facto da percentagem ter descido de 30 para 25 sobre as colectas liquidadas para o Estado; mas em compensação os impostos indirectos vão render pelo menos 100 contos mais como acima ficou indicado.

Ficará pois a Câmara com um saldo de 850 contos das receitas sobre as despesas ordinárias.

JOSÉ FRANCISCO DOS SANTOS.

## Visado pela Comissão de Censura

### SANTO ANTÓNIO

A mesa da Irmandade de Santo António, actualmente erecta na igreja paroquial de S. Paio, enviou-nos para serem distribuídos pelos pobres protegidos de *O Ressurgimento*, 10 cartões para o pão dos pobres de Santo António, que é distribuído na capela de S. Domingos no próximo dia 13 do corrente, dia da festa em honra do seu Patrono.

### Legião Portuguesa

Para comemorar o Ano XIII da Revolução Nacional a Junta Central da Legião Portuguesa condecorou os seguintes legionários:

Comandantes de lança (medalha de prata de dedicação): António Folheda Marques Moreira, comandante do Núcleo de Ronfe; Alberto Lopes

Correia, comandante do Núcleo do Pevidém; Joaquim da Costa, comandante do Núcleo de Vizela; José Francisco Rosas Guimarães, comandante do Núcleo das Taipas; Manuel Soares Moreira, delegado concelhio; Mário Rodrigues Paiva, Séde.

Legionários, medalha de dedicação, cobre): 944/17054, José Marques de Macedo; 1163/43885, Domingos Francisco.

Acabam de chegar os nossos valentes irmãos viriatos, valentes soldados da Reconquista.

Com eles vem o sôpro glorioso dos campos de batalha, dos titânicos combates em defesa da península ameaçada; feridos, estropiados talvez, mas corajosos, satisfeitos pelo dever cumprido, fazendo-nos vibrar de emoção, com a narrativa dos seus feitos, cheios de imprevisto, que decerto atingirão os páramos da lenda, quando mais tarde forem contados à lareira pelas futuras mãis.

Eles aí vêm! e com eles, qualquer cousa daquele Portugal distante, que nós vislumbramos tam longe, com a coragem, a fé e o espírito aguerrido, bem forte, para mostrar aos que descreem das virtudes da raça, a persistência e a vitalidade desses sentimentos. As qualidades dos heróis do Salado, do cerco de Diu não desapareceram, conservaram-se latentes até ao momento, em que lhes foi dado irromper, mais exuberantes ainda pelo largo período em que não foi permitida a sua expansão.

Que todos saibam reconhecer o heroísmo destes nossos compatriotas, que tanto se esforçaram para que se não perdesse o tesouro dos grandes valores da civilização ocidental.

Quem poderá garantir que sem um auxílio tam decidido e oportuno, teria sido possível à nobre Espanha, alcançar a sua grandiosa vitória?

Decerto que a nossa cooperação se tornou deveras eficaz: fomos dos primeiros a dar o exemplo de sacrifício, agüentamos o peso da guerra, e demos um grande impulso para o resultado final.

São pois dignos de todo o nosso reconhecimento e admiração. Mas por isso mesmo aos que sem emprêgo voltam de Espanha, é justo que não lhes tributemos só louvores, ajudemo-os conforme as nossas possibilidades, facilitando-lhes meios de trabalho, emfim patentearmos que não é só com palavras que se agradece, também com obras e com factos.

Estamos numa era de realidades, de palavras vivem os inúteis, não foi com elas que os viriatos nos foram defender a Espanha, foi com a sua vida, com o seu sangue, sacrificado em holocausto à religião e à ordem.

Que estas palavras caiam no espírito de todos os bons portugueses, que se devem unir numa grande campanha a favor daqueles que num sublime desprendimento, não hesitaram em abandonar o seu lar e os seus interesses, para construírem os alicerces do novo edifício da Reconquista cristã.

Valentes Portugueses, heróis da Nova Espanha! Para vós se dirigem as mais calorosas homenagens da minha alma de jovem português, que vê em cada viriato um exemplo de maior abnegação e galhardia, que deve ser imitado por todos os Novos de Portugal!!!

A. CRUZ.

### Preço da assinatura

Anual . . . . . 24\$00  
 Semestre . . . . . 12\$00  
 Trimestre . . . . . 6\$00  
 Avulso . . . . . \$50

### Lêde e propagal

«RESSURGIMENTO»

# DO CONCELHO

## Briteiros

### Chegada

A passar uma temporada na sua quinta do Eido, encontra-se em Santa Leocádia de Briteiros o sr. António Vaz da Costa e sua ex.<sup>ma</sup> família.

### Partida

Para o Pôrto partiu de Santa Leocádia de Briteiros a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Alexandrina Moreira e ex.<sup>ma</sup> irmã D. Clotilde Moreira Marques.

### Citânia

Continua em progresso a visita de turistas a Citânia de Briteiros. Aproveitando a ida ao Espírito Santo (Bom Jesus) e ao Sameiro vieram a esta estância turística milhares de visitantes. As excursões, têm sido inúmeras, dos vários pontos do país (Viana do Castelo, Pôrto, Coimbra), etc. — C.

## Campelos

Grande festa escolar. A bênção do novo edifício escolar. Sessão solene. Pôrto de honra.

Esteve em festa a freguesia de S. João de Ponte no dia 28 de Maio, aniversário da Revolução Nacional. Inaugurava-se, no progressivo lugar de Campelos o novo edifício escolar, lindo projecto, igual a mais três construídos, dos Monumentos Nacionais, realizado com o auxílio da Câmara, do Estado e da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães. E não há festas sem música, foguetes e bandeiras.

Na presença das autoridades, direcção da Companhia, pároco, professores e mais convidados procedeu-se na capela de S. José a uma cerimónia religiosa, finda a qual se organizou uma procissão a caminho da Escola, que foi também benzida, sendo pelo Presidente da Câmara convidado o pároco a cortar a fita simbólica. A banda da Oficina de S. José executou o Hino Nacional, que foi saudado pelos assistentes nacionalistas de braço estendido.

Em seguida realizou-se no antigo salão escolar uma sessão solene. Presidida pelo Presidente da Câmara, sr. dr. João Rocha dos Santos, era a mesa composta pelos srs. director escolar, Manuel Boaventura, pároco, padre Francisco José Ribeiro, António José Pereira de Lima, dr. Leopoldo M. de Freitas, Gaspar Paul, delegado escolar, professor João Rodrigues Marques, etc.

Foi o seguinte o programa da sessão solene:

**I parte** — Abertura da sessão pelo presidente, que saúda a M. P., homens de amanhã, o pároco e a Companhia pelos serviços prestados à educação, à Igreja e à freguesia.

Hino da Mocidade, pelo orfeão da escola; poesia «Jesus Reina», pelo aluno José Fernandes; discurso pelo director escolar, que lembra a obra do Estado Novo na construção de novos edifícios escolares, saudando a Câmara e os professores da freguesia; poesia «Deus», pela aluna Maria do Céu; discurso pelo aluno Francisco Leite; «Engeitadilha», pelas alunas Maria Belém e Maria da Conceição.

**II parte** — Discurso pelo pároco da freguesia, que agradece os benefícios dados à freguesia, cuja população bem os merece.

«A minha aldeia», pelo orfeão da escola; discurso pelo sr. reitor; «As

sentinelas», pelo orfeão da escola; «A cidade e a aldeia», diálogo pelas alunas Maria Edite e Alzira; poesia «Agradecimento», por Francisco Teixeira.

**III parte** — «Toque das Avé-Marias», pelas alunas da escola; discurso pelo sr. dr. Leopoldo Martins de Freitas, presidente da direcção da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães; poesia «Salazar», pelo aluno Ilídio da Cunha; discurso pela aluna Maria Adelina; discurso pelo professor Fernando A. Pinheiro de Almeida, que reproduzimos na íntegra.

Encerramento da sessão pelo presidente, Hino Nacional.

Em casa do sr. António Castelar foi servido um «Pôrto de Honra», falando aos brindes o sr. dr. Rocha dos Santos, dr. Leopoldo de Freitas, António Castelar, padre José Ribeiro e professora de S. João de Ponte.

## DISCURSO

(Continuação da 3.<sup>a</sup> página)

o ambiente da vida portuguesa. Greves e Revoluções, a bancarrota, a demagogia, emfim. E deu-se o 28 de Maio que hoje comemoramos no seu 13.<sup>o</sup> aniversário, e que instaurou a Ditadura Nacional! Recordar a memória do glorioso Marechal Gomes da Costa é lembrar a arrancada que expulsou do poder os partidos criminosos que nos iam precipitando no abismo, é lembrar as horas mais difíceis, lembrando os que caíram na defesa da Ordem Nova.

Eleito o venerando Chefe do Estado, Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. General Carmona entra Portugal num amplo movimento de restauração Nacional, de que a sua continuidade no poder, foi penhor de realizações. A Salazar, ilustre Chefe do Governo, devemos este nosso ressurgimento. Acabadas as revoltas, saneadas as finanças, encaminhamos para fazermos de Portugal o nosso lindo e grande Portugal de outrora.

Estradas, telefones, estradas, postos, etc., tudo se fez sob o governo de Salazar. Só com este governo, poderíamos comemorar, com a magestade que o nosso passado glorioso exige, o nosso 8.<sup>o</sup> centenário de Nação livre.

Têm uma nobre missão a cumprir, dentro do Estado Corporativo, as empresas industriais portuguesas. A inauguração desta escola é um exemplo a afirmá-lo. Só assim prepararemos melhor e mais útil a sociedade futura. Os meus, e comigo, meus alunos e suas famílias, mais respeitosos cumprimentos e melhores saudações à digníssima empresa que conseguiu que este novo edifício escolar fôsse uma realidade.

A V. Ex.<sup>a</sup> agradeço gratissimamente, a honra da assistência a esta festa, humilde e singela, mas lição que jamais esquecerá à alma simples destes ramos em flor. Nesta Cruz que há pouco se colocou, como marcando uma nova etapa na educação a ministrar, encontrarei força, amparo e guia, no exercício do meu magistério, e, meus alunos os alicerces onde irão buscar a sua formação moral, confortos nos revezes, quando encontrarem na vida social, e bênçãos nas suas vitórias.

DIRECTORES

MANUEL MÚRIAS

OCIDENTE

REDACÇÃO, E ADMI-

NISTRAÇÃO E OFICINAS:

RUA DO SALITRE, 155, 1.<sup>o</sup>

TELEFONE 48276

LISBOA - PORTUGAL

ALVARO PINTO

REVISTA PORTUGUESA

PROPRIETÁRIO E EDITOR

SAI ATÉ O DIA 3 DE CADA MÊS

SUMÁRIO DO N.º 14 — VOL. VI — JUNHO DE 1939

A. P. — *Camões, o Cantor do Homem-Novo*; JOAQUIM NABUCO — *O lugar de Camões na Literatura*; AFONSO DE E. TAUNAY — *Camões na Selva brasileira*; ANTÓNIO CORREIA D'OLIVEIRA — *Passos na Aldeia*; FAUSTO GUEDES TEIXEIRA — *Coimbra*; P.<sup>o</sup> MOREIRA DAS NEVES — *Nun' Alvares — Infante de Sagres — Camões* (1.<sup>o</sup> prémio do Concurso «Três Sonetos Históricos»); ADOLFO SIMÕES MÜLLER — *Nun' Alvares — Infante de Sagres — Camões* (2.<sup>o</sup> prémio); MIGUEL TRIGUEIROS — *Nun' Alvares — Infante de Sagres — Camões* (3.<sup>o</sup> prémio); OLIVEIRA SALAZAR — *Portugal e a Tradição*; JOÃO DE CASTRO OSÓRIO — *A Tetralogia do Príncipe Imaginário — Primeiro drama lírico — O Ramo de Flôres sem Flôres*; CARLOS PARREIRA — *Mestre Gil — O que fazia os Autos a El-Rei*; ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE — *Vida e Obras de Gil Vicente* (Continuação); AUGUSTO DA COSTA — *A Crise da Inteligência Portuguesa*; CARLOS SELVAGEM — *Centro de Estudos Africanos*; CENTRO DE SAÚDE — *Discurso do Dr. José Alberto de Faria — A REMODELAÇÃO DAS CIDADES DE LISBOA E PORTO — Resposta da Liga Portuguesa de Profilaxia Social*.

CRÓNICAS — RODRIGUES CAVALHEIRO — *Sob a Invocação de Clio*; DIOGO DE MACEDO — *Notas de Arte*; LUIZ CHAVES — *Nos domínios de Etnografia e do Folclore*.

BIBLIOGRAFIA — Notas críticas de E. N., A. do E. S., O. C. e A. P.

NOTAS E COMENTÁRIOS.

FINS DE PÁGINA — De Schlegel, Carolina Micaelis, Edgar Quinet, W. Storek e Aubrey Bell — sobre Camões.

ILUSTRAÇÕES — Camões — desenho de Juan Carlos Huergo; A Ilha dos Amores — desenho de Juan Carlos Huergo; Camões do manuscrito Faria de Sousa e Huminura quincentista oriental da colecção do Marquês do Rio Maior (2 aspectos); Camões da Colecção Carvalho Monteiro; Frontispício da edição do Morgado de Mateus; Fac-simile do Frontispício da 1.<sup>a</sup> edição dos «Lusiadas»; Portugal — Escola de Navegadores — de António Soares; O Garraffo vazio — de Carlos Reis; Retrato de D.<sup>a</sup> P. de A. M. — de João Reis; Amendoeiras floridas — de Alfredo Morais; Monumentos de Portugal, alegoria.

VINHETAS — De Correia Dias, Dordio Gomeç, Alfredo Morais e D. M.

### ASSINATURA

Com direito aos números extraordinários

|                    |        |       |         |
|--------------------|--------|-------|---------|
| Portugal — 6 meses | 60\$00 | 1 ano | 115\$00 |
| Col. Port.         | 1      | »     | 120\$00 |
| Brasil             | 1      | »     | 120\$00 |
| Estrangeiro        | 1      | »     | 121-8-0 |

### NÚMERO AVULSO

|                      |         |
|----------------------|---------|
| Portugal             | 10\$00  |
| Colónias Portuguesas | 11\$00  |
| Brasil               | 10\$00  |
| Estrangeiro          | sh. 2-6 |

Números extraordinários — Preço especial

(Estes preços anulam os anteriores e são cobrados adiantadamente, não se satisfazendo assinaturas que não venham acompanhadas da respectiva importância)

## JOÃO FERREIRA DAS NEVES

Rua de Santo António — Telefone 181

### GUIMARÃIS

#### HORÁRIOS DAS CARREIRAS DE CAMINHETAS

#### HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PEVIDÉM

| Guimarães | Pevidém  | Pevidém  | Guimarães |
|-----------|----------|----------|-----------|
| Partidas  | Chegadas | Partidas | Chegadas  |
| 7,35 A    | 7,50     | 8,00 A   | 8,15      |
| 8,05 F    | 8,20     | 8,30 F   | 8,45      |
| 8,20 B    | 8,35     | 9,00 B   | 9,15      |
| 12,00 C   | 12,15    | 12,30 C  | 12,45     |
| 16,30 B   | 16,45    | 17,15 B  | 17,30     |
| 19,15 D   | 19,30    | 19,30 D  | 19,45     |
| 20,35 E   | 20,50    | 20,55 E  | 21,10     |

A — Efectuam-se diariamente excepto aos Domingos.  
B — Efectuam-se aos Sábados.  
C — Efectuam-se diariamente.  
D — Efectuam-se de 1 de Dezembro a 30 de Junho.  
E — Efectuam-se de 1 de Julho a 30 de Novembro.  
F — Efectuam-se só aos Domingos.

#### HORÁRIO DA CARREIRA DA PÓVOA DE VARZIM

| Guimarães | Póvoa   | Póvoa   | Guimarães |
|-----------|---------|---------|-----------|
| Partida   | Chegada | Partida | Chegada   |
| 7,15      | 9,55    | 17,15   | 19,50     |

Efectua-se todo o ano

#### De 1 de Julho a 30 de Novembro

| Guimarães | Póvoa   | Póvoa   | Guimarães |
|-----------|---------|---------|-----------|
| Partida   | Chegada | Partida | Chegada   |
| 7,15      | 9,55    | 18,35   | 21,20     |

#### De 15 de Junho a 15 de Novembro

| Guimarães | Póvoa   | Póvoa   | Guimarães |
|-----------|---------|---------|-----------|
| Partida   | Chegada | Partida | Chegada   |
| 11,45     | 14,25   | 8,00    | 10,40     |

#### HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PORTO

| Guimarães | Porto    | Porto    | Guimarães |
|-----------|----------|----------|-----------|
| Partidas  | Chegadas | Partidas | Chegadas  |
| 8,05      | 10,00    | 8,00     | 10,00     |
| 12,35 C   | 14,30    | 12,30 C  | 14,25     |
| 18,20     | 20,15    | 17,00 A  | 19,05     |
|           |          | 18,30 B  | 20,25     |

A — Só se efectua de 1 de Dezembro a 30 de Junho  
B — Só se efectua de 1 de Julho a 30 de Novembro.  
C — Não se efectua aos Domingos.

# PROCESSOS... CONCURSOS DE "OCIDENTE" Na eminência da guerra!...

23 de Abril de 1939

Do «Notícias de Guimarães», ao alto da sua primeira página e a tóda a sua largura, em tipo bem destacado:

«Entretanto que operários vindos do Pôrto trabalham sossegadamente nos Paços dos Duques de Bragança, outros operários, naturais d'êste concelho, esperam em suas casas ou vagueiam por essas ruas de Guimarães, sem trabalho e sem pão. Torna-se necessário que alguém, na próxima visita do dia 1.º Maio — com imensa oportunidade para o assunto — elucide o alto espírito de Sua Excelência o Senhor Ministro das Obras Públicas acêrca d'êste caso sem justificação possível e atentório dos direitos dos operários de Guimarães, que também são portugueses.»

\* \* \*

12 de Maio de 1939

De «O Comércio de Guimarães», numa pequena local, intitulada «O éco»: «— chegou até nós, e tam insistente que nos levou até do Paço dos Duques de Bragança.

Era necessário averiguar até que ponto as queixas eram fundamentadas.

Recebidos atenciosamente pelo encarregado da restauração daquele glorioso Monumento Nacional, o sr. Domingos Ferreira da Rocha, disse-nos:

— Actualmente tenho aqui 107 operários. Do Pôrto e dos seus arredores apenas trago 14. Todos os restantes os recrutei aqui. Pertencem ao concelho de Guimarães, Fafe, etc., etc.

Não tenho lugares vagos, mas em Guimarães não há os artistas, que agora necessito. Com pequenas excepções, só há jornaleiros, e esses tenho-os em demasia.

Estava satisfeita a nossa curiosidade e elucidado o público.»

\* \* \*

21 de Maio de 1939

Do «Notícias de Guimarães», em local intitulado «um éco»:

«O nosso prezado colega O Comércio de Guimarães publicou no seu penúltimo número um éco, que representava uma espécie de entrevista com o sr. Rocha, mestre pedreiro, que chefia as obras dos Paços dos Duques de Bragança, no qual o mesmo senhor se permitia a vaidade de classificar de inferiores os pedreiros de Guimarães, desdenhando da sua competência, etc., etc., etc.»

Isto a propósito da estada ali de vários pedreiros naturais do Pôrto.

Pois bem. Na última terça-feira mostramos ao sr. Esteves, empreiteiro da mesma obra, o número do jornal referido, sendo-nos respondido o seguinte:

— O sr. Rocha é mestre pedreiro e nada tem que dar entrevistas a jornais. O sr. Rocha não dá leis. Quatro dos pedreiros, do Pôrto, que aqui estavam, já retiraram, e os outros irão também. Os pedreiros de Guimarães, em geral, são bons, mas é preciso que alguns dos que aqui vêm pedir trabalho saibam que isto não é obra para operários que só sabem fazer muros de aldeia. Concordamos e agradecemos.»

\* \* \*

26 de Maio de 1969

De «Comércio de Guimarães», sob o título «Excesso de zelo ou... aprender até morrer»:

Esta Revista, que completa agora um ano e já oferece sérias garantias de estabilidade, vai iniciar uma série permanente de concursos, que possam estimular, pouco a pouco, a nossa produção literária e artística. São os seguintes os três primeiros concursos, a que só podem concorrer poetas ou escritores portugueses:

Concurso n.º 1 — Três Sonetos históricos. Refere-se a 3 sonetos sobre as três figuras: Infante D. Henrique, Nun'Alvares, Camões. Já se realizou.

Concurso n.º 3 — Peças históricas em um acto.

Recebemos até 20 de Julho Peças históricas em 1 acto, em prosa ou verso, sobre a Restauração de Portugal, que não excedam 40 tiras dactilografadas de 40 linhas com a largura de 15 cm — 1.º prémio, 500\$00; 2.º prémio, 250\$00.

Os prémios serão conferidos por júris que *Ocidente* convidará no fim de cada prazo e serão distribuídos a 1 do mês seguinte, ou seja a 1 de Junho, 1 de Julho e 1 de Agosto.

As condições para concorrer são as habituais: composições em 3 vias dactilografadas com pseudónimo e o nome correspondente em envelope fechado, tendo por fora a indicação do Concurso.

As composições escolhidas serão publicadas em *Ocidente*, mas ficaram pertencendo aos autores, que as poderão editar livremente três meses depois do concurso.

Os prémios serão sempre concedidos desde que se apresentem 5 composições de autores diferentes para cada concurso.

As composições devem ser entregues com um boletim especial na Rua do Salitre, 155-1.º — Lisboa.

O Comércio de Guimarães, para esclarecer um éco que chocava o nosso bairrismo e no intuito de informar o público que o lê, dirigiu-se há dias até junto das obras de restauro dos Paços dos Duques de Bragança e perguntou pelo encarregado das mesmas obras.

Apontaram-lhe o sr. Domingos Ferreira da Rocha.

Não inquiriu, nem o interessava, se o sr. Rocha é pedreiro, carpinteiro ou caíador. Alguém, com competência, o encarregou de dirigir os artistas que trabalham nas obras, e isso bastava.

O estimado artista respondeu às perguntas que lhe fizemos, sem apoucar os pedreiros do nosso concelho. Disse: em Guimarães não há os artistas que *agora* necessito, o que não quer dizer que ali os não traga bons... Mais adiante: com pequenas excepções só há jornaleiros, etc., etc.

Há excepções, disse-o êle, e essas, para nosso orgulho, devem ser numerosas.

O nosso prezado colega *Notícias de Guimarães* sabe perfeitamente que não foi uma espécie de entrevista o que realizamos com o sr. Rocha, pois não passou de uma banal e rápida conversa, mas quis divertir-se...

O que não sabíamos, é que há quem negue o direito, seja a quem fôr, de dar entrevistas a jornais, ou ainda de nós as pedirmos!...

Excesso de zelo ou... aprender até morrer!...

Arquivamos, sem comentário.

Na hora que passa sente-se sobremaneira uma crise nunca vista, uma luta sem tréguas entre as classes proletárias, uma guerra desoladora e insana, tanto económico-social como moral!

Com grande mágoa verificamos que, dum polo ao outro, vigora a luta de classes a par da luta pela vida.

As opiniões dos povos, na hora presente, são diversas e indecisas.

O que é certo, é que se invadem injustamente nações, lançando no cemitério da história o «Jus gentilem» e o direito internacional; viola-se abertamente a crença, persegue-se o que elas têm de melhor: os ministros de Deus, os defensores das doutrinas bem orientadas e verdadeiras.

E a crise moral que avassala o mundo e fala dele anti-Cristo!

Nota-se uma viva ansiedade entre os povos, ainda os mais pacíficos, e, se contemplarmos as colunas dos jornais mais divulgados, só se fala na fortificação das fronteiras e no rearmamento dos exércitos; só trabalham as fábricas de canhões, produtos químicos, aviões e bases navais, ou sejam, as oficinas da Morte!

Alguém dizia, e com justa razão, que a guerra tem de se dar fatalmente.

A razão é que, armadas como estão as nações, não podem perder os milhões e terliões de libras, marcos, francos ou liras etc... que têm empregados nos materiais bélicos, visto que as descobertas aumentam de dia para dia, e, o que hoje era moderno e eficaz, amanhã é lançado na sucata como impróprio e sem efeito no campo de combate!

Urge, pois, uma guerra fatal que inutilize o presente e prepare para o futuro, porque ela, para alguns, é fonte de receita bem lamentável!

Ou vigora o «Jus fortiorum», direito dos mais fortes, ou tenta-se vencer sem usar dele! Esta é a realidade!

Os segredos da formidável linha Maginot aumentam quotidiana e assombrosamente!

Os tempos presentes fazem recordar as frases da Escritura relativas à escatologia, ao fim do mundo.

Nesta contingência só a união faz a força e orienta os povos à meta do direito.

Mas (caso bem triste!) fazem-se hoje tratados de importância, e, amanhã, vêmo-los violados: é a falta de consciência, é a tremenda crise moral dos povos!

Aumenta a população, crescem as despesas e assim diminuem consideravelmente a receita: é crise económico-social!

Como consequência lógica, da união desta com aquela, nasce a luta de classes (umas vezes proveniente da luta pela vida, outras da luta cruenta das paixões!) a guerra interna e externa com a fome e a desoladora peste.

Houve-se e lê-se: «a guerra é inevitável!»

Sim! e quem a faz e torna inevitável?

Os ambiciosos, os maus governantes e com êles os maus adeptos.

Entretanto, como dizia Sua Santidade Pio XI de saúdosa memória: ai dos povos que querem a guerra!...

As dificuldades da hora presente são inúmeras e de capital importância.

Elas são filhas da desmoralização, da falta de consciência individual e social e dessa série infinda de erros: Comunismo, Ateísmo, Racionalismo, Pro-

testantismo e Liberalismo, seu filho primogénito.

Livrai-nos, Espírito Divino, da fome, da peste e da guerra!

Na eminência d'êste tremendo cataclismo, dois caminhos temos a seguir: — demolir as causas que a êle levam os povos, e pensar nas perniciosas consequências que êle arrasta ao mundo.

Para isso moralizemos os povos, por que assim, como disse Jacques Maritain, espiritualizá-los-emos, criando nêles um novo íntimo e tornando-os cumpridores dos seus deveres cívicos e morais!

Combatamos, pois, o mau livro, a má imprensa, o mau jornal, visto ser êste o primeiro caminho para combater a guerra. Assim demoliremos a crise moral nas inteligências, nos corações e nas vontades.

A seguir combatamos, a crise económica baseados nos princípios da caridade cristã, recordando as «ágapas» antigas — verdadeiros fraternais!

Nestes momentos tam difíceis que o mundo atravessa, virá então, como já veio a Igreja com a sua mão benéfica, estender o véu da Paz, convidar os governantes e nações mais atribuladas aos legítimos ajustes, ditando-lhes humilde, respeitosa e suavemente as palavras carinhosas do Divino Mestre:

«Pax vobis» — a paz seja convôscos e com os vossos espíritos; que a paz duradoura reine entre os povos e uações!

Na eminência da guerra, repito em que presentemente vivemos, peçamos, neste mês bendito de Maio, à Rainha da Paz e ao Espírito Santo iluminador dos corações e inteligências pela mútua superintendência, moralização e cristianização dos povos, pela difusão do Reino de Cristo, pela paz duradoura entre as nações, ostentando com galhardia a divisa dos fortes:

«Pax Cristi in regno Christe.»

Dia do Pentecoste de 1939.

MENDES PINHEIRO.

## S. Lourenço de Sande

Foi muito sentida, nesta freguesia, a morte da sr.ª D. Idalina da Silva Ferreira Monteiro, irmã do sr. Joaquim da Silva Ferreira Monteiro, abastado proprietário da Casa da Ribeira, vereador da Câmara Municipal e presidente da Junta de Turismo das Taipas.

Para assistir ao funeral da bondosa senhora, que se realizou na vizinha freguesia do Barco, onde residia, foram daqui várias pessoas amigas da família Monteiro, que conta nesta terra gerais simpatias em tóda a classe de pessoas.

— Com pouca demora, veio à sua casa da vizinha freguesia de S. Martinho de Sande, o sr. Dr. Inácio Ferreira Marques, grande bemfeitor dos pobres. S. Ex.ª mantém aqui, exclusivamente à sua custa, uma cantina escolar que a pedido do delegado escolar, sr. João Rodrigues Marques, por quem tem muita estima, fundou, para beneficiar principalmente as crianças pobres.

— De visita à sr.ª D. Júlia Ester, esposa do sr. Presidente da Junta e professora oficial nesta freguesia, encontra-se nesta terra a sr.ª D. Olímpia Veloso Braga, da cidade de Braga. Trouxe em sua companhia seus gentis filhinhos Vítor Manuel e D. Julieta e sua sobrinha Maria Luíza. — C.

## EPOPEIA DO SONHO...

«...é cada pedra uma alma,  
é cada alma um segredo.»

*Finda a tarde num poente rático,  
aureo, triunfante. O sol ainda co-  
roa o castelo, pintando de ouro os  
merlões, da torre de menagem. De-  
pois é a névoa azulada e vaga do  
cair da noite.*

*Na encosta da colina — colina  
sagrada onde Portugal nasceu — há  
uma mancha branca: é a graciosa  
capelinha onde o moço filho do Con-  
de recebeu as águas lustrais do bap-  
tismo. Agora o castelo já não é  
senão uma silhueta.*

*Ouve-se, na calçada, tropel de ca-  
valos e tilintar de armas. Então às  
portas das casas do burgo, habitadas  
por «mestrais» asomam cabeças  
curiosas. Fazem-se conjecturas, em  
voz velada, de postigo para postigo.  
Mas, que será? Que haverá no paço  
para que a éle acorram tantos filhos  
de algo? Haverá serão? Mas não:  
desde o recontro de S. Mamede que  
D. Tareja se enclausurou em La-  
nhoso e, desde então, peregrino me-  
nestral jamais pôde, no paço de Vi-  
maranes, tanger a sua lira provençal.  
Passam agora «freires» de com-  
prido hábito monástico debaixo do  
qual se adivinha a férrea loriga. Che-  
gam à porta do Castelo e a ponte  
levadiça desce. Moços fidalgos e fra-  
des cavaleiros entram e ouvem a pa-  
lavra quente e vigorosa do moço in-  
fante D. Afonso Henriques. Tra-  
ta-se de realizar importante «fossa-  
do» em terras da moirama.*

*E é assim que D. Afonso Henri-  
ques, desferindo audaciosos vãos do  
seu ninho de águia altaneiro, vai  
construindo a Nacionalidade.*

*Levado por um sonho de grande-  
za, que a Providência, sem dúvida,  
tracjou, éle corre invencível até Cer-  
neja, cobre-se de glória no recontro  
de Val-de-Vez em 1140, faz brilhar  
o seu mantante nas planuras de Ou-  
rique onde Cristo quis imprimir na  
bandeira branca de Portugal os si-  
nais inconfundíveis da Redenção  
eterna. Vai até Santarém, conqui-  
sta Lisboa. A barca da Nacionalidade  
singra ora nas águas do Douro,  
a seguir extasiada no Mondego,  
depois no arrogante Tejo.*

*E não pára: sulca o Atlântico,  
atravessa o Pacífico, descobre todos  
os recantos do Indico, tracejando os  
limites do Grande Império em pa-  
drões brancos de Fé.*

*Vetusta Vimaranes, capital espi-  
ritual do Império! Tu acalentaste  
os sonhos de grandeza do moço  
D. Afonso Henriques — o fundador  
da Nacionalidade.*

*E's bem digna, portanto, de rece-  
beres dentro dos teus muros de pedras  
venerandas o maior dos Portugueses  
da história contemporânea que, com  
rara serenidade e energia, fez remo-  
çar as eternas virtudes da Raça  
num eficaz e glorioso ressurgimento.*

ANTÓNIO JOSÉ

## Império Português

## Luta sem trégua

(Continuação da 4.ª página)

Perdem-se nas brancas da Proto-história as brumas das nossas empresas e conquistas, — imposição que o destino impusera a uma Raça — que séculos e séculos vincaram.

Causas que crescem mais na idade dos tempos, de civilização primitiva em civilização de hoje, desejo ardente de dilatar a fé cristã, glórias à Pátria, feitos heróicos e aventura ingénita, levaram os Portugueses para essa grande empresa dos Mares e Terras desconhecidas.

Resultados? Enormes e gloriosos. Nas ciências, na economia europeia, na política e na religião, se sentiram seus efeitos, obra gigantesca que é assombro da humanidade, orgulho duma raça.

Mostra à Europa boquiaberta os Mundos Novos; conhece-se pela primeira vez o globo, e se determinaram os meridianos e paralelos.

Nasce o Império e a propagação da Fé cobre a Africa, a América, a Asia e a Oceania, onde os nossos missionários realizam a grande obra de colonização.

## Os descobrimentos

Corporiza-se no Infante D. Henrique, símbolo vivo de fé e fôrça, de concentração e coragem, de vontade e sacrifício, o caminho do Mar!

Estabelece-se em Sagres. Pouco a pouco, nessa escola do mar e para o mar, se instruem convenientemente os mereantes e pilotos, realizadores dos mais ousados empreendimentos que jamais até aí alguém fizera.

Destroe-se a lenda do Mar Tenebroso, encontram-se e povoam-se a Madeira, Açores, Cabo Verde, S. Tomé, etc.; desvendam-se as costas da Africa, sobe-se ao interior delas, dobra-se o cabo das Tormentas, descobre-se o caminho das Índias!

Cruzam-se os mares em todos os sentidos, e são portugueses, em caravelas portuguesas, Cruz de Cristo ao alto nas velas, monjes e soldados no convés, que vão formando os novos mundos.

## As conquistas

Através de todas as épocas da História, o sentimento de expansão — e ligado naturalmente a éle, como um meio necessário, o espírito de conquista — é um traço luminoso comum, a marca indelével da raça, o carácter genial do povo português.

Este sentimento de expansão, que tem na conquista a sua expressão clara e fiel, é a causa dominante e profunda do sentido e do génio colonizador dos portugueses.

Herdamos dos lusitanos esse sentimento, carácter fundamental da Raça, sentimento étnico de conquista que mais tarde aliado ao religioso e cristã nos levou a conquistar esse Império Colossal.

Pela conquista alcançamos o domínio da terra e das gentes — condição indispensável de expansão, de colonização, transportando para todos os lugares do mundo a nossa fé, o nosso carácter, — a vida portuguesa — a nossa civilização!

Essa a nossa maior glória. Colonização, emfim, o Império como colonizamos o próprio território da metrópole.

## Colonização

A grande lição Moral dos descobrimentos e conquistas portuguesas é o triunfo da acção obscura dos missionários e colonos.

O grande Império Oriental, tam grande como os maiores da antiguidade obra dos feitos grandes, mal erguido, quasi desapareceu.

E é sobre a pedra esquécida que, nas mãos missionárias lá ia vivendo na graça de Deus, se erguem os alicerces do edificio soberbo da colonização portuguesa.

O Brasil, quasi abandonado, transformou-se, mercê dos jesuítas, num rico império, hoje, uma grande Nação; as terras desdenhadas da Africa Negra são hoje as grandes províncias do Império Ultramarino Português!

As primeiras colonizações de Portugal, foram as do povoamento das ilhas da Madeira e Açores, com gente da Metrópole.

Soldados e missionários, comerciantes e agricultores, foram os grandes obreiros da colonização portuguesa nos séculos passados.

Luso.

nacionalistas de acção como escôpo máximo da sua política, impõe a congregação de vontades, pois tôdas as energias são escassas para obra tão ingente.

São tantos os campos de trabalho que se oferecem às nossas inteligências que só resta auscultar a nossa vocação e seguir o seu impulso.

Se na Mocidade Portuguesa adēja a alegria sádia das gerações que sobem para a vida, temperadas na escola da virtude, e do patriotismo, na organização corporativa pulsa o pensamento de justiça social, enquadrado nas verdades pontificias.

Não esqueçamos a Legião, onde as vontades se adestram na defesa da Revolução que, graças a Deus, se preocupa corajosamente dos seus princípios no sub-solo da consciência nacional.

O pensamento revolucionário que dinamiza a Ordem Nova jamais permitirá que algum dia se descortine o fim da Batalha.

Destá luta sem tréguas só desertam os que deixaram extinguir-se a fé nacionalista. O esforço dispendido, longe de permitir a inactividade, aumenta a responsabilidade no exemplo de acção.

Que a comemoração do 8.º centenário da fundação de Portugal encontra todos os nacionalistas num posto de combate ainda que anónimo, são os nossos mais veementes votos.

H. A.

## CONCLUSÕES

Das considerações que aqui fizemos sobre o problema da luz e do lúcido e completo relatório que o sr. capitão Magalhães Couto nos cedeu para ser publicado nas nossas colunas podemos tirar agora algumas conclusões evidentes:

1.ª Que a deliberação tomada pela Câmara em sua sessão de 2 de Julho de 1930 para denunciar o contrato da concessão do fornecimento de energia eléctrica à cidade fôra provocada pelos abusos e pela insolência da firma concessionária.

2.ª Que a firma Bernardino Jordão Filhos & C.ª, depois de terminado o prazo do contrato, manifestou à Câmara vontade de colaborar na municipalização dos serviços e chegou até a apresentar propostas para esse efeito.

3.ª Que a deliberação de municipalizar os serviços, devidamente sancionada pelo Conselho Municipal em Outubro do ano findo, foi medida acertadíssima e do mais alto interesse para o concelho.

4.ª Que a firma Bernardino Jordão Filhos & C.ª pretendia em 1935 que o Kilowatt de energia fornecida aos particulares lhe fôsse pago a 1\$80.

5.ª Que, em virtude da municipalização deliberada, esse preço varia agora de 1\$20 a \$80 e que ainda é possível maior redução.

6.ª Que o problema da luz foi exaustivamente estudado em todos os seus aspectos pelo sr. capitão Magalhães Couto, que lhe dedicou longos meses de aturado estudo, como o caso requeria, e que por isso o conhece em tôdas as suas modalidades.

7.ª E finalmente que é à persistência e firmeza com que este nosso amigo sempre defendeu os interesses municipais que se devem os benefícios que os vimaranenses estão já a usufruir.

Verax.